

Interferências dos Meios de Comunicação no nosso Conhecimento

José Manuel Moran

Professor de Televisão da Universidade de São Paulo.

Pesquisador do Projeto Escola do Futuro da USP.

Autor dos livros *Leituras dos Meios de Comunicação* e *Como Ver Televisão*

RESUMO

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial, multidimensional, integrando linguagens, ritmos e caminhos diferentes de acesso ao conhecimento. As formas de contar são mais variadas, menos racionais, mais sensoriais-afetivas; a organização do conhecimento é menos precisa, mais intuitiva. As abordagens das idéias oscilam entre o maniqueísmo dogmático e uma ambiguidade ética, o qual permite alto grau de entropia, de interferências por parte de concessionários, produtores e consumidores e interfere profundamente na comunicação de outros espaços educacionais como o escolar, o familiar e o religioso.

PALAVRAS CHAVES: Comunicação/Educação, Televisão

RESUMEN

Los medios de comunicación, principalmente la televisión, desarrollan formas sofisticadas de comunicación sensorial, multidimensional, integrando lenguajes, ritmos y caminos diferentes de acceso al conocimiento. Las formas de contar son más variadas, menos racionales, más sensoriales-afectivas; la organización del conocimiento es menos precisa, más intuitiva. El abordaje de las ideas oscila entre el maniqueísmo dogmático y la ambigüedad ética, lo que les permite un alto grado de entropía, de interferencias por parte de concesionarios, productores y consumidores y que interfiere profundamente en la comunicación de otros espacios educativos como el escolar, el familiar y el religioso.

PALABRAS CLAVE: Comunicación/Educación, Televisión

ABSTRACT

The mass media, specially television, develop sophisticated forms of sensitive and multidimensional communication, integrating different languages, rhythms and ways for accessing knowledge. There is a great variety of narrative forms, more sensitive and afective than logic. The knowledge organization is more intuitive. The ideas come from ambiguous extremes, allowing high degree of entropy and interferences by producers and consumers, interfering in the communication of other educational environments such as school, family and religion.

KEYWORDS: Communication/Education, Television

CONHECIMENTO INTEGRADO

Nossa relação com o conhecimento está tão condicionada ao reducionismo racional que torna-se difícil refletir sobre ele dentro de uma perspectiva mais integral. A sociedade ocidental progressivamente identificou conhecimento com abstração, com razão, fruto da leitura, da escrita e do cálculo. Essa identificação não é casual, mas consequência do predomínio no ocidente da filosofia idealista, influenciada por Platão e pelo judeu-cristianismo, que separam corpo e mente, material e espiritual, razão e afeto, supervalorizando o intelectual-espiritual e desprezando o sensorial-afetivo.

As principais instituições educadoras ao longo da história, como a igreja e a escola, reforçaram a dependência desta visão dualista, privilegiando o conhecimento lógico-matemático e o linguístico (organização, estruturação do conhecimento e expressão verbal-escrita). Com isso, a civilização ocidental conseguiu, nos países mais "avançados" um alto grau de racionalidade, de organização do real, ao nível social, institucional, grupal, interpessoal e intrapessoal, o que lhe deu um domínio sobre o real notável.

O positivismo retoma modernamente esse racionalismo no conhecimento separando como racional o que é demonstrável, quantificável e jogando para o mundo do irracional, todas as dimensões não quantificáveis do ser humano e do universo (crenças, inconsciente, conhecimento paranormal). Não supera o dualismo corpo e mente, mas introduz a valorização do material (que pode ser medido) e desvaloriza o "espiritual", o que não pode ser quantificado.

O sistema capitalista é a expressão mais acabada do racionalismo positivista-materialista, ao estruturar o real, em padrões, paradigmas que supervalorizam o econômico e o organizam por classes e ampliam o conceito de racionalidade material a todas as instâncias do cotidiano. O capitalismo tenta padronizar, enquadrar, objetivar todas as dimensões da vida: dá "segurança" (previsibilidade) ao indivíduo (do nascimento até a morte).

Na educação formal, institucional, apesar de todas as contradições e avanços, predomina o conhecimento lógico-matemático, as habilidades ligadas ao cálculo, à leitura e à escrita. A educação separa corpo e mente, o sensorial do racional, o lógico do intuitivo, o concreto do abstrato, o visual do impresso.

O conhecimento, na perspectiva dos pesquisadores mais avançados sobre a mente humana, não é fragmentado mas interdependente, interligado, intersensorial. O conhecimento é sinérgico, do cérebro integral, que expressa a unidade cérebro-mente-corpo. Podemos observar diferenças de ênfase, de caminhos para acesso ao conhecimento, de sua expressão, mas não estão isolados.

O conhecimento não pode ser reduzido unicamente ao racional. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Entendo a educação como um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação (do educador e do educando), integrando, dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento e de expressão: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o transcendental (a integração com o universo).

Os Vários Caminhos para o Conhecimento

O conhecimento precisa da ação coordenada de todos os sentidos - caminhos externos para o conhecimento - combinando o tato (o toque, a comunicação corporal), o movimento (os vários ritmos), o ver (os vários olhares) e o ouvir (os vários sons). Os sentidos agem complementarmente, como superposição de significantes, combinando e reforçando significados.

Um dos estudos mais instigantes foi realizado por Howard Gardner no livro "Frames of Mind"¹, que, em síntese, afirma que conhecemos através de um sistema de "inteligências" ou habilidades interconectadas e, em parte, independentes, localizadas em regiões diferentes do nosso cérebro, com pesos diferentes para cada indivíduo e para cada cultura.

Todos temos, segundo Gardner, a "inteligência" ou habilidade **linguística**, que se manifesta em gostar de escrever, ler, ouvir e contar histórias; que facilita a compreensão através das palavras faladas ou escritas. Em muitas pessoas esta habilidade linguística é mais espontânea, imediata, perceptível. Em outros vai se desenvolvendo aos poucos, pelo processo de aprendizagem.

A segunda "inteligência" ou habilidade é a **lógico-matemática**, que nos ajuda a estruturar, organizar, hierarquizar e sintetizar todas as coisas, a encontrar ordem no caos. Todos nós a possuímos, mas com peso diferente e dependendo da idade e do nível de ensino, conseguimos desenvolvê-la mais profundamente.

A terceira, é a inteligência **espacial**: a capacidade de pensar com imagens, fotos, de visualizar imagens claras quando se pensa sobre algum assunto, de ter memória visual e gostar de produções artísticas onde predomina a imagem.

A quarta inteligência é a **musical**, a sensibilidade para sons, melodias, ambientes sonoros. As pessoas dotadas desta inteligência gostam de música, de tocar algum instrumento e valorizam estudar ou trabalhar com música. Aprendem mais facilmente através do som.

A quinta forma de inteligência é a **cinestésico-corporal**, que processa melhor a informação através do movimento e do toque; que se manifesta em quem não consegue ficar muito tempo sentado e aprende melhor movimentando-se, tocando ou mexendo nas coisas.

As duas últimas inteligências ou habilidades são complementares. Uma é a **intrapessoal** e a outra, a **interpessoal**. Na intrapessoal predomina a busca individual, isolada, intuitiva do conhecimento. Na interpessoal, ao contrário, aprende-se melhor através da interação, da cooperação com os outros.

Em síntese, todos temos os mesmos instrumentos para chegar ao conhecimento, mas não com a mesma intensidade. **Aprendemos de formas diferentes**. Uns têm mais facilidade de aprender através das imagens, outros através da fala, outros através da música, do movimento, do isolamento ou

¹ FRAMES OF MIND; The theory of multiple intelligences. Cfr. também o artigo de H. Gardner, Mobilizing resources for individual centered education. In Raymond NICKENSON & Philip ZODHIATES. Technology in Education: looking toward 2020, p.25-41.

da cooperação. Todos os alfabetizados possuímos a habilidade linguística, a capacidade de ouvir, ler e escrever estórias. Mas alguns, desde o começo, mostram mais facilidade em manusear as palavras; sentem prazer em ler e escrever. Outros, pelo contrário, captam melhor o que podem ver. Mesmo quando estão lendo (uma operação abstrata) acompanham o que lêem com imagens, apoiam-se no concreto da imagem, como um outro registro ou muleta para poder entender.

Os caminhos para o conhecimento são múltiplos, mas seguem uma trilha básica semelhante: partem do concreto, do sensível, do analógico na direção do conceitual, do abstrato.

O conhecimento integrado depende cada vez mais da **valorização do SENSORIAL**. No começo, quando criamos, conhecemos a partir das experiências sensíveis, ao tocar e mergulhar sensorialmente no ambiente.

O caminho natural, primeiro, para o conhecimento passa pelo sentido do tato. É o sentido mais amplo do organismo. Tocamos, quando recém nascidos, para sentir, distinguir, orientar-nos. Dizemos que a vista aproxima, toca, acarícia os objetos. Pela pele "sensoriamos", "sensacionamos" (experimentamos sensações) que se podem transformar em percepções, sensações organizadas, com vários graus de consciência.

Nós sentimos através do corpo, do movimento. O conhecimento cines-tésico nos situa no mundo: Onde estamos? O que está em volta de nós?. Estabelecemos relações a partir das sensações que o corpo e os sentidos nos comunicam. Neste nível, a imagem também tem uma dimensão sensorial. É a imagem que me toca, que me localiza, situa, emociona. É o conhecimento experiencial, direto, imediato, que na nossa cultura vai se perdendo na medida em que evoluímos intelectualmente (corpo opaco, rígido). Quando observamos uma criança ou um adolescente falando, gesticula muito mais do que o adulto, seu corpo se move, balança, gira. Se expressa com o corpo, olhar e com uma linguagem falada extremamente sensorial, concreta, cheia de conectivos "e aí...e então...". A educação formal concentra o conhecimento na cabeça, no racional, eliminando progressivamente o sensorial. O aluno é cinestésico, o professor, não.

Da imagem "sensorial", mais imediata, que capta a exterioridade das pessoas e coisas, vamos, aos poucos, evoluindo para a imagem "mental", que estabelece uma relação com o mundo através da visualização analógica, representacional, simbólica. Conhecemos neste nível através da comparação, da analogia, da semelhança e da diferença, da metáfora, da conjunção de imagens. É um ver menos sensorial, mais elaborado, complexo. "A sabedoria visual é a mãe de uma forma íntima de lógica que depende da metáfora como sua estrutura. A metáfora salienta o significado interligando grandes experiências desconexas. Os fatos e termos específicos isolam e delimitam o significado. *A metáfora, principalmente a visual, é uma forma inclusiva e proliferativa de organização de experiências.* Isso significa que a sabedoria visual é inerentemente conectiva e cria conjuntos mentais que tendem para a síntese".²

² Bob SAMPLES. *Mente aberta, mente integral*, p.110.

A lógica visual se caracteriza mais pela conexão, pela junção de pedaços num todo, do que pela lógica da separação, da dissecação em partes. Existe a união entre mente e imagem, enquanto representação.

O conhecimento visual facilita a compreensão do que não temos presente fisicamente, mas simula a presença do que está longe (um vídeo sobre a Sibéria), do que fisicamente poderia ser difícil executar (um vídeo sobre uma reação química que provocasse explosão). O conhecimento visual pode ilustrar, ajudar a compreender mais facilmente conceitos abstratos, como o teorema de Pitágoras, mostrando na tela tanto situações do cotidiano ligadas ao conceito, visualizando depois em forma de diagrama cada passo dos exemplos do cotidiano, para mostrar posteriormente, na tela, a sequência de resolução das equações matemáticas correspondentes, o que facilita enormemente a passagem do analógico para o conceitual.

O conhecimento sensorial, cinestésico-corporal, possui a vantagem de ser imediato, "natural", fácil de perceber. Nele predomina a idéia de integração corpo-mente, sujeito-objeto. Através da sensação "toca", predispõe, facilita ambientes de aprendizagem. Como pontos fracos se destacam a falta de distanciamento para a compreensão do todo e de cada parte. É fácil o subjetivismo, a interferência de valores e percepções altamente pessoais no conhecimento. Fruto da experiência imediata, o conhecimento sensorial pressiona por respostas imediatas, por soluções muitas vezes ditadas pela emoção, sem aprofundamento. Também é difícil sair do campo do previsível, do que já está estabelecido, porque a maior parte das experiências se repetem, se transferem de geração em geração e caminham mais na direção do já estabelecido do que na inovação.

Os caminhos para o conhecimento através do sensorial se cruzam com os da intuição. O caminho **INTUITIVO** é o da **descoberta**, das conexões inesperadas, das junções, das superposições, da navegação não linear, da capacidade de maravilhar-se, do aprofundamento do conhecimento psíquico, de formas de comunicação menos conscientes. É um caminho agradável, imprevisível, atraente, propício a descobertas -muitas vezes confuso, irracional, ilógico- que preenche profundamente, faz avançar, dá confiança.

A racionalidade sufocou durante séculos a intuição, relegando-a a um segundo plano, sem valor. Atualmente, com a crise da racionalidade que não explica tudo -porque é reducionista- começamos a buscar apoio mais frequentemente na intuição, no não lógico, no sequencial, nem necessariamente causal. Uma das áreas de maior necessidade de crescimento e pesquisa se dá no interior do indivíduo, na descoberta das suas potencialidades de cognição e de comunicação psíquicas e em aprofundar novas e mais profundas formas de interação com os outros e com o universo.

A intuição não se opõe à razão, mas não segue exatamente os mesmos caminhos. A intuição está ligada à capacidade de relacionar mais livremente os dados, a associar temas de forma inesperada, a aprender pela descoberta. Para o conhecimento racional precisamos concentrarmo-nos, esforçarmo-nos no tema que estamos estudando. Para o desenvolvimento do conhecimento intuitivo precisamos relaxar internamente, dialogar conosco, decodificar a linguagem do silêncio, entrar em ambientes tranquilos, sem depender continuamente de ambientes sonoros externos acelerados, como os do rádio, da televisão (usados muitas vezes como pseudo-companhia, como fuga de si

mesmo). *O relaxamento é uma das condições do conhecimento em profundidade.* Relaxar não é só uma atitude física corporal, mas uma atitude permanente, profunda de encarar a vida com tranquilidade, com paz. O relaxamento facilita a aprendizagem, desenvolve a intuição, a capacidade de relacionar, de ter novos *insights*.

O **AFETIVO** é outro componente básico do conhecimento e está intimamente ligado ao sensorial e ao intuitivo. O afetivo se manifesta no **clima de acolhimento**, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. O afetivo dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, **envolve** plenamente, multiplica as potencialidades. O homem contemporâneo, pela relação tão forte com os meios de comunicação e pela solidão da cidade grande, é muito sensível às formas de comunicação que enfatizam os apelos emocionais e afetivos mais do que os racionais. A educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de auto-conhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo, de criação grupal) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo).

O **RACIONAL** é o caminho mais conhecido para o conhecimento e a comunicação. Pela razão organizamos, sistematizamos, hierarquizamos, priorizamos, relacionamos, sequencializamos, causalizamos os dados que nos chegam de forma caótica, dispersa, ininteligível. O racional explica, contextualiza, aprofunda as dimensões sensoriais e intuitivas. Mas, sem elas, torna-se reducionista, simplificador, incompleto. O caminho para o conhecimento integral funciona melhor se começa pela indução, pela experiência concreta, vivida, sensorial e vai incorporando a intuição, o emocional, o racional e o transcendental.

OS MEIOS AUDIOVISUAIS E O CONHECIMENTO

Os meios de comunicação, principalmente os áudio-vídeo-gráficos-desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional, de superposição de linguagens e mensagens, que facilitam a aprendizagem e condicionam outras formas e espaços de comunicação (como o escolar, o familiar, o religioso). Os meios, principalmente a TV, falam sempre de "sentir"-o que você sentiu", não o que você conheceu; as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

Os meios de comunicação pesquisam há muito tempo e vem aperfeiçoando a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultas, aplicando intuitivamente o paradigma de Gardner, a teoria das múltiplas inteligências, no acesso ao conhecimento.

Os meios de comunicação operam imediatamente com o **sensível**, o concreto, principalmente, a imagem em movimento. Combinam a dimensão espacial com a cinestésica, onde o **ritmo** torna-se cada vez mais alucinante (como nos videoclips). Ao mesmo tempo utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem,palavra e música se

integram dentro de um contexto comunicacional **afetivo**, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a conhecer mais favoravelmente.

A eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, se deve à capacidade de articulação, de **superposição** e de **combinação de linguagens** totalmente diferentes -imagens, fala, música, escrita- com uma narrativa fluida, uma lógica pouco delimitada, gêneros, conteúdos e ética pouco precisos, o que lhe permite alto grau de entropia, de interferências por parte de concessionários, produtores e consumidores.

A televisão combina **imagens** estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, imagens de captação imediata, imagens referenciais (registradas diretamente com a câmera) com imagens criadas por um artista no computador. Junta imagens sem ligação referencial (não relacionadas com o real) com imagens "reais" do passado (arquivo, documentários) e as mistura com imagens "reais" do presente e imagens do passado não reais.

Com o fantástico desenvolvimento das técnicas de computação gráfica, a possibilidade de combinação de imagens se multiplica ao infinito. Cada vez se torna mais difícil observar o real filmado e o real simulado (recriado). A televisão e o vídeo combinam, justapõem, mixam imagens em **ritmo** cada vez mais alucinante. A duração média de cada tomada gira em torno de três segundos. Em videoclips, comerciais e programas para jovens o número de cortes de imagem aumenta significativamente. A combinação de inúmeros tipos de imagens com diferentes ritmos provoca um estado de **intensa excitação do cérebro**, continuamente sacudido pelas mudanças de enquadramento, de planos, de pontos de vista, difíceis de processar com precisão, rapidez. O olhar, para encontrar um mínimo de coerência entre tantas solicitações simultâneas, procura integrá-las numa perspectiva de totalidade (leitura do conjunto de cada tela e não das informações isoladas).

Televisão e vídeo combinam a multiplicidade de imagens e ritmos, com uma variedade fascinante de falas, de música, de sons, de textos escritos. A riqueza fantástica de combinações de linguagens sacode nosso cérebro, nosso eu, através de todos os caminhos possíveis, atingindo-nos sensorial, afetiva e racionalmente. Somos "tocados" pela imagem através dos movimentos de câmera, pela música que nos comove, pela narração emocionada de uma vítima ou apresentador. Enquanto a imagem e a música nos sensibilizam, a palavra e a escrita (textos, legendas) orientam a decodificação, racionalizam o processo. Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém. Mas as funções mudam, se intercambiam, se superpõem. Todos os sentidos são acionados, o nosso ser como um todo é atingido. Todo o nosso ser é atingido, não só o a inteligência. Daí a sua força.

A **organização da narrativa televisiva**, principalmente a visual, não se baseia somente -e muitas vezes, não primordialmente- na lógica convencional, na coerência interna, na relação causa-efeito, no princípio de não-contradição, mas numa **lógica mais intuitiva, mais conectiva**. Imagens, palavras e música vão se agrupando segundo **critérios menos rígidos**, mais livres e subjetivos dos produtores que pressupõem um tipo de lógica da recepção também menos racional, mais intuitiva.

Um dos critérios principais é a **contiguidade** a justaposição por algum tipo de **analogia**, de associação por semelhança ou por oposição, por contraste. Ao colocar pedaços de imagens ou cenas juntas, em sequência, criam-se

novas relações, novos significados, que antes não existiam e que passam a ser considerados aceitáveis, "naturais", "normais". Um exemplo: colocando várias matérias em sequência, num mesmo bloco e em dias sucessivos -como se fossem capítulos de uma novela-, sobre o assassinato de uma atriz, o de várias crianças e outros crimes semelhantes, acontecidos no Brasil e em outros países, multiplica-se a reação de indignação da população, o seu desejo de vingança. Isto favorece os defensores da pena de morte, o que não estava explícito em cada reportagem e nem tal vez fosse a intenção dos produtores.

A televisão opera com uma **lógica inclusiva**, cria relações inesperadas entre real e imaginário, presente, passado e futuro. Por exemplo, junta numa mesma história -um clip musical- o pai Nat King Cole e a filha cantando "Unforgettable", fazendo um duo perfeito de imagem e interpretação musical, sem que isso nunca tivesse acontecido. Aqui houve uma ampliação do real, uma lógica de tipo inclusivo, de junção, de agregação de situações separadas em um novo conjunto. Os comerciais da Pepsi Diet com Elton John, Ray Charles e Louis Armstrong e o da Antártica com Tom Jobim e Vinícius de Moraes, exemplificam bem esta narrativa por inclusão.

Os meios audiovisuais são fortes na lógica que procede por **comparação**, explícita ou implícita (metáfora), que procura entender o todo, mais do que cada parte desse todo, que através das associações procura descobrir novos significados, novas relações, principalmente através das imagens. Mas se na imagem encontramos mais liberdade narrativa, no texto falado e escrito da televisão a lógica torna-se mais "amarrada", organizada, analítica e sintética. Principalmente, na fala em off. Os meios, em fim, combinam lógicas que se combinam diferentemente a cada momento. Normalmente imagem e palavra se complementam, combinando a lógica analógica, metafórica da imagem, com a lógica conceitual, racional do texto; em outros momentos, se opõem.

Os meios nos atingem por caminhos diferentes simultaneamente. Para quem compreende o mundo de forma mais racional, como muitos adultos, capta na televisão mais a lógica da narrativa, principalmente a do texto falado-escrito. Para a maioria das crianças, jovens e dos que são mais sensíveis ao concreto, ao analógico, a forma de contar das imagens e da música funciona melhor.

Mas tanto a lógica racional quanto a analógica, recebem um apoio contínuo da lógica sensorial-emocional. A televisão nos "toca", nos atinge, na relação imagem, palavra, música, afetivamente, desperta emoções imediatas, que orientam a compreensão da realidade no nível analógico e/ou conceitual.

A televisão estabelece uma conexão aparentemente lógica entre mostrar e demonstrar, isto é, se mostra, está comprovando o que diz. **Mostrar é igual a demonstrar**, a provar, a comprovar. A força da imagem é tão evidente que torna-se difícil não fazer essa associação comprovatória ("se uma imagem me impressiona, é verdadeira"). Também é muito comum a lógica de **generalizar** a partir de uma situação concreta. Do individual, tendemos ao geral. Uma situação isolada converte-se em situação padrão. A televisão, principalmente, transita continuamente entre as situações concretas e a generalização. Mostra dois ou três escândalos na família real inglesa e tira conclusões sobre o valor e a ética da realeza como um todo.

Ao mesmo tempo, **o não mostrar equivale a não existir, a não acontecer.** O que não se vê, perde existência. Um fato mostrado com imagem e palavra tem mais força que se somente é mostrado com palavra. Muitas situações importantes do cotidiano perdem força, por não ter sido valorizadas pela imagem-palavra televisiva.

Os meios audio-visuais conseguem articular, combinar, integrar a lógica convencional (mais organizada e sequencial) com a paralela, associadora, uma lógica "puntilhista", **multidimensional**, repleta de pontos fortes, reforçada pelos efeitos sonoros e pela inserção de trilhas musicais.

Há um contraste flagrante entre a riqueza de meios expressivos utilizados pela televisão e o **reducionismo da lógica proposicional**. Em muitos assuntos, principalmente nos controvertidos, opera com uma lógica do tipo exclusivo, dualista, disjuntivo: ou...ou... que se manifesta na "repetida pergunta dos entrevistadores "Você é a favor ou contra..." e que se materializa no programa "Você decide" da Rede Globo, onde o público somente pode optar por uma das duas alternativas, sem qualificá-las, o que conduz a criar ou reforçar posturas maniqueístas, simplistas da realidade e a não buscar outras alternativas possíveis.

Os meios, em síntese, conseguem se comunicar bem, porque nos atingem por inteiro. Mas, ao mesmo tempo, reduzem a sua comunicação a aspectos mais superficiais, simplistas, materialistas. A educação precisa estabelecer pontes entre os meios de comunicação e a escola, entre a sua forma de lidar com o conhecimento e a da escola. Um dos caminhos é desenvolver com os professores formas de **leitura crítica dos meios** de comunicação, nas diversas áreas do conhecimento. Analisá-los tanto do ponto de vista estético como de conteúdo.

Para a maior parte das pessoas os meios de comunicação significam modernidade, deslumbramento, novidade, fascínio, lazer, relação dinâmica com o mundo. Os meios de comunicação parecem transparentes, evidentes, não problemáticos. Os meios representam e apresentam um modo de vida desejável e estimulam necessidades e expectativas percebidas como reais.

Diante da fascinação que exercem os meios e da sua aparente transparência, muitos educadores e intelectuais sentem verdadeiro horror e os criticam de forma radical, por isso apoiam qualquer curso ou palestra que denuncie os meios, que apontem seus desmandos, exageros, mecanismos de dominação. Procuram os cursos de leitura crítica, mas não chegam desarmados; trazem toda uma carga de preconceitos, de leituras, que esperam ver confirmados.

Temos fundamentalmente duas situações contrárias. A grande maioria não vê os meios de comunicação como problema. O trabalho educativo consiste em problematizar o que não é percebido como problema e com os educadores, desproblematizar o que é visto como só problema. Mostrar as contradições das leituras simplistas, tanto as dos ingenuos como as dos intelectuais. Partir dos meios, para aprofundar outras dimensões do ser humano que ignoram, para organizar o conhecimento dentro de um projeto integral do ser humano, para ajudá-lo a libertar-se e a não depender do que eles afirmam.

CONDIÇÕES PARA O CONHECIMENTO INTEGRADO

Para conhecer, precisamos estar inseridos em um novo paradigma, que pressupõe educar sempre dentro de uma **visão de totalidade**. Educar pessoas inteiras, que integrem todas as dimensões: corpo, mente, sentimentos, espírito, psiquismo; o pessoal, o grupal e o social; que tentem encontrar as pontes, as relações entre as partes e o todo, entre o sensorial e o racional, entre o concreto e o abstrato, entre o individual e o social. Nossa maior tarefa, como educadores, consiste em sermos nós mesmos plenamente e ajudar a que os outros também o sejam. "Não há lugar para pessoas inteiras no sistema educacional; só há lugar para seus intelectos", escreve Carl Rogers³

Educar para a abertura a **novas experiências**, a novas maneiras de ser, a novas idéias. Educar para a mudança, para o não previsível, para aprender continuamente (educação permanente). Educar para o **positivo**, desenvolvendo a **autoestima**, o valor de cada um, não olhando tanto para as suas limitações.

Educar para a **autonomia**, para caminhar por nós mesmos, para não depender de modas, do que os outros querem. Educar para a **liberdade possível** em cada etapa da vida (educação como facilitadora do processo de libertação pessoal, grupal e social). Educar para a autenticidade. Para desenvolver o mais plenamente possível todas as potencialidades intelectuais, afetivas, criativas (artísticas) e morais de cada um de nós. Educar para **encontrar o eixo**, o sentido de nossa vida. Isto se aplica à escola, mas também à família e a outros espaços pedagógicos sociais.

A ampliação do conhecimento precisa da **reeducação do ver**: um ver menos preconceituoso, consumista; mais atento, mais aberto, polivalente e profundo. Não permanecer na superfície externa, espacial do ver (só para situar-se). Captar também dimensões menos externas do ver: o ver **interior**, o ver menos representacional e mais metafórico (ampliar as nossas formas de ver).⁴

A ampliação do conhecimento depende também da **reeducação do ouvir**: ouvir o ambiente, os vários sons, vozes, ritmos. Captar e sentir os diversos ritmos: exteriores e interiores, pessoais e dos outros, os ritmos pragmáticos e os poéticos, as melodias faladas e musicais, os vários ritmos de aprendizagem. **Ampliar a nossa relação com a música**. Incentivar o uso da música como facilitadora de ambientes de aprendizagem (criar ambientes

³ Carl ROGERS. *Um jeito de ser*. SP, EPU.

⁴ Há um ver que nos aproxima da exterioridade das coisas, que nos transmite as primeiras -e muitas vezes- decisivas impressões da realidade. Esse ver está cheio de erros de avaliação, porque cria conexões de causa-efeito em fenômenos só aparentemente causais. Este é um dos problemas do ver superficialmente através da televisão e outros meios audiovisuais, sem uma leitura crítica, como será abordado mais tarde.

sonoros agradáveis para o conhecimento)⁵ como *sensibilização* sensorial (despertando a atenção para novos assuntos), como *associação* com novos conteúdos (relacionando mais letra-música com temas que estão sendo tratados) e como *produção* (expressar-nos musicalmente, criar nossa própria música).⁶

Chegaremos mais facilmente ao conhecimento se desenvolvermos a **reeducação do corpo**: aprendendo a relaxar externa e internamente, a mover-nos, a expressar-nos com todo o corpo, a aproximar-nos dos outros.

Na educação (do primeiro ao terceiro grau) precisamos encontrar as formas de desenvolver a sensibilização corporal: exercícios de **relaxamento**, de respiração, de concentração, de dança, de dramatização; exercícios que expressem, através do **lúdico**, a comunicação sensorial através de todo o corpo. Precisamos adaptar o lúdico a cada etapa da evolução do aluno, mas não podemos esquecê-lo, principalmente no nível superior, onde há uma nítida atrofia do sensorial em relação ao intelectual.

Temos que desenvolver processos de comunicação ricos, interativos e cada vez mais profundos. Abrir as escolas ao mundo, à vida. Criar ambientes de ensino-aprendizagem mais atraentes, envolventes e multisensoriais. A arte precisa ser um dos pilares da nova educação e não só uma atividade complementar.⁷

Apoiar a introdução das **novas tecnologias de comunicação** possíveis em cada etapa. As tecnologias, dentro de um projeto pedagógico inovador, facilitam o processo de ensino-aprendizagem: Sensibilizam para novos assuntos, trazem informações novas, diminuem a rotina, nos ligam com o mundo, com as outras escolas, aumentam a interação (redes eletrônicas), permitem a personalização (adaptação do trabalho ao ritmo de cada aluno) e se comunicam facilmente com o aluno, porque trazem para a sala de aula as linguagens e meios de comunicação do dia-a-dia.

BIBLIOGRAFIA

BABIN, Pierre & KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

FERRER Y PRATS, Joan. **Video y Educación**. Barcelona, Laia, 1988.

⁵ A criança e o jovem estão prontos para descobrir novas formas de expressão musical. Alguns programas de computação facilitam a criação de melodias, de arranjos numa prancheta eletrônica, vendo e ouvindo, na hora, as notas musicais que cada um cria na tela.

⁶ A educação não valoriza suficientemente a importância de ambientes agradáveis para o processo de ensino-aprendizagem. O contato com ambientes sonoros atraentes facilita nossa disposição para desempenhar as várias atividades relacionadas com o conhecimento, abre nossos caminhos perceptivos, intuitivos. Por isso a cada dia ganha importância a música ambiente nas empresas, no trabalho no campo e até na produtividade dos animais (vacas que dão mais leite com ambiente de música clássica).

⁷ Idem

- GARDNER, Howard. *Frames of Mind; The Theory of multiple intelligences*. New York, Basic Books, 1985.
- GREENFIELD, Patrícia Marks. *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica; os efeitos da TV, computadores e videogames*. São Paulo, Summus, 1988
- MINSKY, M. *The society of mind*. New York, Simon & Schuster, 1986
- MORAN, José Manuel. *Como ver televisão; leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1991
- MORAN, José Manuel. *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo, Ed. Pancast, 1993.
- NICKERSON, Raymond & ZODHIATES, Philip. *Technology in Education: Looking toward 2020*. Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1988.
- THORNBURG, D. *Education, Technology and Paradigms of Change for the 21st Century*. Starsong Publications, 1991.



Red de Recursos de Comunicación Alternativa
 Integrante de la Red Iberoamericana de Revistas de
 Comunicación y Cultura

Boletín trimestral de información sobre los avances de la Comunicación para el Desarrollo, con 8 años de publicación ininterrumpida. La **RED** se ha convertido en el nexo entre quienes estamos trabajando por una comunicación más democrática.

Sucripciones por 1 año

Bolivia: 10.00 Bs.

América del Sur: 5.00 \$US

América del Norte, Europa y otros países: 8.00 \$US

CIMCA

Apartado: 11365 - 5828

Dirección: Calle Riobamba # 658

Tel. Fax: (591-2) 328318

La Paz - Bolivia